

A ESTÉTICA DA CATÁSTROFE NOS MONUMENTOS DO CERRADO

Kelly Cristina Pereira Gondim^{1*}(PG) (PQ) – Kelly_gondim@hotmail.com, Eliézer Cardoso de Oliveira (PQ)

Universidade Estadual de Goiás – Campus Anápolis de Ciências Sócio-econômicas e Humanas
Avenida Juscelino Kubitschek, 146. Bairro Jundiá – CEP:75110-390. Anápolis-GO.

Resumo: Esta proposta de pesquisa tem como objetivo analisar os monumentos-catástrofes do Cerrado brasileiro, a partir dos instrumentais teórico-metodológicos da História Cultural. No Brasil existem diversos monumentos relacionados a uma catástrofe, construídos em diversos formatos estéticos. O Estudo desses monumentos contribui para reforçar o campo da chamada “estética da catástrofe” e possibilita uma maior compreensão do modo como a sociedade contemporânea constrói representações sobre catástrofes coletivas.

Palavras-chave: Monumentos-catástrofes, estética da catástrofe, história cultural, história do Cerrado

Introdução

Segundo Netrovski (2000, p.8) “A catástrofe é, por definição, um evento que provoca um trauma”, nesse sentido tivemos ao longo da história mundial várias catástrofes, vários traumas. Sempre se procurou representar esses eventos para uma maior compreensão do mesmo ou para que fosse esquecido.

As catástrofes são assuntos ainda pouco abordados na atualidade, para Oliveira,

As catástrofes produzem uma estética cuja característica é a elevação dos sentimentos, do respeito, da seriedade e do silêncio, enfim uma estética do sublime. No entanto, quase sempre, paralelamente aparece também uma estética do grotesco, marcada pelo desrespeito, pelos sentimentos baixos e pelo riso. (Oliveira, 2008, p.39)

Podemos citar uma grande profusão de análises estéticas do tema catástrofe, entre os mais conhecidos temos o cinema e a literatura, mas com relação aos monumentos ainda temos um longo caminho a percorrer. O interessante é que os monumentos são importantes meios de representação do pensamento e da reação de determinado acontecimento de uma época, como nos diz Alois Riegl.

¹ Mestranda do TECCER da UEG em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado.

Por monumento, no sentido mais antigo e original do termo, entende-se uma obra criada pela mão do homem e elaborada com o objetivo determinante de manter sempre presente na consciência das gerações futuras algumas ações humanas ou destinos. (Riegl, 2014, p.31)

Os monumentos são construídos visando lembrar, perpetuar na memória das pessoas algo que se julgue ser importante no contexto histórico ou social de um grupo ou comunidade. O monumento catástrofe também tem essa finalidade, mas juntamente se quer dar uma resposta a uma tragédia, tentando perpetuar na memória o momento de dor e sofrimento que não foi possível absorver ou entender. Serve também de alerta para que tal fato jamais ocorra novamente ou como forma de denúncia.

Material e Métodos

Podemos classificar a presente pesquisa em sua primeira etapa como uma pesquisa teórica, realizando um levantamento bibliográfico, que constituirá a base do trabalho, a partir da leitura e discussão das teorias presentes no referencial teórico Cultural e Identidade, Imaginário, Representações Sociais.

A partir da segunda etapa da pesquisa, podemos caracterizá-la como uma pesquisa descritiva, ou seja, os fatos são observados, registrados, classificados, analisados e interpretados.

O presente trabalho se propõe a realizar uma pesquisa bibliográfica elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros, artigos de periódicos além do material disponibilizado na Internet. A pesquisa em questão demonstra o desejo de interpretar a estética catástrofe dos monumentos do cerrado, uma vez que este não tem significado único, em detrimento de sua característica múltipla e plural.

O estudo da cultura possui inúmeras exigências e expõe riscos: é necessário teoria, além de exigir do pesquisador um olhar conceitual e epistemológico para enxergar o mundo. Ela se pauta em ações humanas perdidas no passado e cabe ao historiador buscar esse significado perdido na trajetória do tempo. Entretanto segundo Burke (2008):

O principal objetivo do historiador cultural era retratar padrões da cultura, em outras palavras, descrever os pensamentos e sentimentos característicos de uma época e

suas expressões ou incorporações nas obras de literatura e arte. O historiador descobre esses padrões de cultura estudando temas, símbolos, sentimentos e formas (BURKE, 2008, p.19).

O fato é que na Nova História Cultural viria com o intuito de afirmar a preocupação ao resgate do que é popular, do que é necessário para a busca da memória coletiva, o que firmaria seu estilo crítico e ao mesmo tempo mantenedor da multiplicidade de fontes, que não deixa de lado as estratificações dos conflitos e acordos de determinada sociedade.

Resultados e Discussão

Os monumentos catástrofes são produtos culturais específicos da modernidade que faz uso da estética do sublime para monumentalizar a dor e o medo.

Historicamente a modernidade refere-se a um estilo de existência pautado nos costumes e em uma organização social que surgiu por volta do século XVII na Europa, transportando-se para o mundo em um passo acelerado. Para Bauman (1999) é impossível falar modernidade sem remeter ao século das luzes, já que nesse período é que se deu o auge da Razão. afirma que existem quatro formas institucionais que mantêm um elo, sendo que uma dá força a outra, elas são: o capitalismo, o industrialismo, a vigilância e o poder militar.

Considerações Finais

A Catástrofe é então um fenômeno que tem o poder de quebrar com a rotina de determinada sociedade, que considera um evento como Catástrofe pela avaliação do âmbito de sua repercussão, pois se for pequeno cuida-se apenas um ferimento, que abala particularidades e não a sociedade num todo. Por este motivo é que Eliezer Cardoso (2008) considera a Catástrofe como um evento hermenêutico, pois o entendimento da mesma se deve a forçosa necessidade de estabelecer sua situação histórica, como uma maneira de reconhecê-la como um episódio que se torna fato por meio de sua singularidade.

Nessa perspectiva, podemos pensar a Catástrofe como momento que desestrutura subitamente o social, tratando-se de alterações espontâneas e

enérgicas, que surge sem aviso prévio e se incorpora às relações humanas, dando-lhes a incerteza do que virá, sobre seu próprio vir a ser.

As Ciências durante os tempos sempre procurou se atualizar, com um dos principais intuitos evitar catástrofes tanto naturais como produzidas pelo homem. Noutro ângulo, a arte vem com uma maneira de enxergar as catástrofes, com um sentido distinto ela não nega a beleza que uma catástrofe pode gerar. Para compreender tal prerrogativa podemos nos firmar nas palavras de Eliézer Oliveira (2008) ao afirmar que:

A ciência não lida bem com as catástrofes, pois elas são a expressão concreta do fracasso do projeto Iluminista de eliminar o mal do mundo. Já a arte é muito mais antiga do que o Iluminismo e nunca foi seu objetivo livrar o mal do mundo (OLIVEIRA, 2008, p. 26).

“Portanto as catástrofes não são inomináveis e irrepresentáveis” (*Idem, ibidem*, p. 26). No âmbito das artes as Catástrofes vem sendo ao longo do tempo retratadas como uma forma de mostrar o que até certo ponto consideramos *Grotesco*, já que a arte se une a história, e juntas buscam retratar a perfeição da Catástrofe, o que tratamos aqui como o sublime.

Na caracterização do catastrófico encontramos o medo, que pode ser assinalado também como insegurança. Segundo Bauman este sentimento corresponde à “falta de defesa”, percebemos então que o ser humano ainda é uma criatura indefesa. O medo enfrentado pela sociedade moderna não depende de causa específica, ele vem de todos os lados, sendo assim possui causa independente. Afirma que “seja dirigida aos desastres de origem natural ou artificial, o resultado da guerra moderna aos medos humanos parecer ser sua redistribuição social e não sua redução em volume.” (BAUMAN, 2008, p. 107).

Na estética dos monumentos os artistas tem licença poética em suas obras, mas terão que criar e utilizar símbolos ou sinais em que as pessoas que os analisem encontrem ingredientes que os remetam e os liguem à catástrofe ali representada. Como nos explica Gadamer.

No conceito do símbolo ressoa, porém, um pano de fundo metafísico, que se afasta totalmente do uso retórico da alegoria. É possível ser conduzido, a partir do sensorial, ao divino. Pois o sensorial não é mera nadidade e treva, mas emanção e reflexo do verdadeiro. O conceito moderno de símbolo é

desprovido dessa função gnóstica, e não é o seu bastidor metafísico compreensível. (Gadamer, 1998, p.136)

Em seu aspecto cultural devemos analisar as catástrofes vinculadas ao contexto histórico ao qual este foi produzido, devemos levar em consideração, posicionamentos políticos, crenças religiosas e preservação da memória. Como cultura as representações das catástrofes estão permeadas de interesses de grupos sociais próprios de sua época.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a todos que de algum modo contribuíram ou estão contribuindo para essa pesquisa, em especial para meu orientador Eliézer Cardoso e aos meus colegas de mestrado do TECCER.

Referências

BURKE, Peter. *Problemas da História Cultural*. In: O que é História Cultural? Tradução Sergio Góes de Paula. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed. 2008.

GADAMER, Hans-George. *Verdade e método*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). *Catástrofe e representação*. São Paulo: Escuta, 2000.

OLIVEIRA, Eliézer Cardoso de. *Estética da catástrofe*. Goiânia: Editora da UCG, 2008.

RIEGL, Alois. *O culto moderno dos monumentos: sua essência e sua gênese*. Goiânia: Editora da UCG, 2006.